

O interesse da vida animal em si mesma como valoração ética para uma bioética ambiental

Xavier, Bruno Henrique do Rosario

Graduado em Filosofia e mestrando do Programa de Pós-graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. brunohrxavier@gmail.com.

Sganzerla, Anor

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Professor Permanente do Programa do Pós Graduação Stricto Sensu em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia da vida. Bioética ambiental. Ética animal. Hans Jonas.

Introdução: O tema central deste trabalho é valoração ética do interesse animal em sua própria existência. Desse modo, o objetivo da pesquisa é analisar até que ponto o interesse do animal não humano pela sua vida é suficiente para servir como um parâmetro, a fim de estabelecer limites éticos que orientem a reflexão bioética no que concerne a relação humanos/animais. **Método:** Em nossa revisão narrativa percorremos diversas obras sobre o tema, mas utilizamos com acentuada ênfase as teorias do filósofo alemão Hans Jonas situadas principalmente nos textos “O Princípio Vida”, “O Princípio Responsabilidade” e “On suffering”. **Resultados:** A tradição do pensamento ocidental legou à humanidade uma reflexão marcada pelo antropocentrismo e pelo domínio sobre toda a extensão da natureza. Diante do massivo poder que o gênero humano possui frente às formas de vida mais vulneráveis, é preciso que surja uma teoria bioética disposta a pensar a problemática do uso do animal não humano, mas que ao mesmo tempo não exclua da reflexão moral outras formas de vida não dotadas de sentiência, uma vez que a biosfera, como um todo, está ameaçada. Dentro desse contexto, a pesquisa parte das interpretações filosóficas do darwinismo até culminar na valoração ética da existência animal graças a um elemento comum a todos os seres orgânicos: o metabolismo. Sabemos, desde a publicação de “A origem das espécies” de Darwin em 1859, que já não podemos encarar os animais como radicalmente opostos ao ser humano. Estabelece-se, nesse cenário, uma conexão direta da humanidade com o mundo natural, haja vista que características antes encontradas apenas em pessoas (tais como racionalidade, ou a capacidade de sentir dor) agora podem ser buscadas em outros seres vivos. Como notou Hans Jonas, o mais fundamental e primordial atributo que temos em comum com todos os organismos, a atividade metabólica, abre dimensões éticas para a existência extra-humana na medida em que supõe um ser que busca manter sua vida frente a um mundo que a todo momento o ameaça. Essa autoafirmação ininterrupta permeia

esfera ética, uma vez que a cada segundo vivido o ser orgânico diz um enfático *sim* à vida, expressando dessa forma a asserção de que a sua permanência no mundo é preferível à morte. Como, em termos éticos, a valoração do não ser é impossível, resta-nos valorar apenas a existência, merecendo, portanto, a vida extra-humana consideração moral, e com ainda mais ênfase, a vida dos animais não humanos, pois são mais capazes de experimentação da realidade. Assim, quanto maior for a habilidade de vivenciar o mundo, maior será a importância que essa vida receberá dentro da esfera moral. **Conclusão:** Ao trazer uma interpretação filosófica aos dados biológicos, a ética jonasiana nos ajuda a repensar os critérios de uma moralidade para com os animais, auxiliando assim na construção de uma bioética menos antropocêntrica e mais biocêntrica.

REFERÊNCIAS

- [1] JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- [2] _____. O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- [3] _____. On Suffering. In: La rassegna mensile di Israel. v.79, n.1-2, jan-ago, 2012b. p. 22-30.
- [4] DARWIN, Charles. A origem das espécies: a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- [5] THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.